

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DO TOCANTINS - CAMPUS GURUPI  
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

**ARLETE ATAÍDES TAVARES**

**TEATRO DE FANTOCHES NA EDUCAÇÃO: relato de experiência**

**GURUPI-TO  
2016**

**ARLETE ATAÍDES TAVARES**

**TEATRO DE FANTOCHES NA EDUCAÇÃO: relato de experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora Professora Me. Marli Fernandes Magalhães.

**GURUPI-TO  
2016**

TAVARES, Arlete Ataídes.

Teatro de Fantoques na Educação: relato de experiência / Arlete Ataídes Tavares. – Gurupi-TO, 2016.

43 f.

TCC (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação Ciência, e Tecnologia do Tocantins Campus – Gurupi-To, 2016.

Orientadora: Professora Me. Marli Fernandes Magalhães

1. Educação. 2. Arte na escola. 3. Teatro de Fantoques.

**ARLETE ATAÍDES TAVARES**

**TEATRO DE FANTOCHES NA EDUCAÇÃO: relato de experiência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA AVALIADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Marli Fernandes Magalhães  
Presidente  
IFTO – Campus Gurupi

---

Prof<sup>o</sup>. Esp. Manuel Tomaz Ataíde Júnior  
Membro da Banca  
IFTO – Campus Gurupi

---

Prof<sup>o</sup>. Esp. André Luiz Moura Siqueira  
Membro da Banca  
IFTO – Campus Gurupi

*Dedico este trabalho às minhas filhas que serviram de inspiração na escrita, também a meu esposo Francisco que sempre esteve ao meu lado me apoiando até mesmo nos momentos em que quase desisti de seguir em frente.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me dar força e sabedoria por nunca ter desistido dos meus sonhos independentemente dos obstáculos.

A meu esposo por toda paciência que teve comigo e sempre estar ao meu lado.

Às minhas filhas por existir, porque são elas que me dão forças para vencer os desafios da vida.

À Professora Mestre Marly Magalhães, minha orientadora de TCC, que acreditou nas minhas ideias orientando-me com toda sabedoria.

A todos os professores da faculdade que de alguma forma contribuíram para o meu crescimento acadêmico.

## RESUMO

Esta pesquisa foca o teatro de fantoches objetivando representar histórias vividas ou improvisadas para o público em um determinado lugar. Tendo em vista que esta pesquisa, “Teatro de Fantoches na Educação”, mostra o relato de experiências da autora, vivenciadas em uma creche e escolas de ensino fundamental focando observar a percepção em que as crianças têm com o fazer teatral e assim pensar possibilidades diversas no trabalhar o teatro através de fantoches. As Escolas pesquisadas foram: Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves, na cidade de Peixe – TO, Instituto Presbiteriano Araguaia (IPA), em Gurupi - TO e na creche Associação Berçário Espírita Maria de Nazaré (ABEMN), em Gurupi – TO. Com a realização da pesquisa ficou claro o quanto o teatro de fantoches auxilia na educação, despertando na criança sua imaginação permitindo que a mesma possa ser criadora de sua própria história.

**Palavras chave:** educação. arte na escola. teatro de fantoches.

## **ABSTRACT**

This research focuses on the puppet theater, aiming to represent lived or improvised stories to the public at a particular place. Given that this research "Puppet Theatre in Education", shows the experiences report the author, lived in a nursery and schools, focusing observe the perception that children have with the theatrical doing and thinking several possibilities in working theater with children through puppets. The survey was conducted in two schools and a kindergarten, and the State School Tancredo de Almeida Neves, who is in the town of Fish - Tocantins and Araguaia Presbyterian Institute (IPA), and in the nursery; Nursery Association Mary of Nazareth (ABEMN), the last two are in the city of Gurupi - TO. With the research it became clear how much the puppet theater aids in education, awakening the child his imagination, allowing it to be the creator of his own history.

**Keywords:** education. art in school. puppet theater.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Homens na pré-história voltando da caça.....	16
Figura 02 - Personagens de fantoches feitos de meias.....	19
Figura 03 - Apresentação com fantoches.....	29
Figura 04 - crianças manipulando fantoches.....	32
Figura 05 - apresentação dos estudantes com fantoches.....	38
Figura 06 - estudantes apresentando com fantoches.....	39

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. ARTE.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 - Arte na escola.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Interdisciplinaridades em Arte .....</b>	<b>14</b>
<b>3. BREVE CONTEXTO SOBRE TEATRO .....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 Teatro de fantoches .....</b>	<b>18</b>
<b>4. TEATRO DE FANTOCHES NA EDUCAÇÃO: Relato de experiência .....</b>	<b>21</b>
<b>4.1 Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves .....</b>	<b>22</b>
<b>4.2 ABEMN (Associação Berçário Espírita Maria de Nazaré) .....</b>	<b>23</b>
<b>4.3 IPA (Instituto Presbiteriano Araguaia) .....</b>	<b>34</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

Desde os tempos primitivos que o homem usa a arte para se comunicar e registrar momentos únicos, com o passar do tempo a arte evoluiu podendo ser compreendida e representada de várias formas, uma delas é o teatro, que representa histórias vividas ou improvisadas para o público em um determinado lugar. Diante de várias formas de representações da arte, foi escolhido como objeto de estudo o teatro de fantoches. Partindo do princípio que o teatro existe desde os tempos primitivos, e, é uma forma de arte bem conhecida.

Nessa pesquisa enfatiza-se o teatro de fantoches com o objetivo de observar a reação das crianças com o fazer teatral, como elas reagiriam assistindo e participando de um espetáculo, e qual a contribuição para a educação. Sendo que o teatro de fantoches é usado em muitas escolas, os educadores utilizam como ferramenta pedagógica resultando em um bom trabalho.

O trabalho resultou em pesquisas bibliográficas para conhecer a teoria dos autores sobre o tema abordado, e pesquisas de campo, para chegar ao objetivo proposto. Alguns de autores que utilizei na metodologia foram; Ana Maria Amaral. Teatro de Formas Animadas: máscaras, bonecos, objetos. Anamélia Bueno Buoro. Olhar em construção. Margot Berthold. História Mundial do Teatro. Idalina Ladeira Ferreira. Fantoches & Cia. Ricardo Japiassu. A linguagem Teatral na Escola: pesquisa, docência e prática pedagógica. Entre outros

Para que o objetivo deste trabalho fosse alcançado, foi dividido em quatro capítulos. Primeiro a “Arte” como um todo, fazendo uma abordagem sobre o que é arte, a importância que ela tem na vida do ser humano, como ela é compreendida e como poderíamos imaginar o mundo sem arte. “E a arte na escola”, mostra a vivência do estudante, e como o professor lida com isso, fala também da “Interdisciplinaridade em arte”, que pode ser trabalhada através de projetos em conjunto com os demais professores, contribuindo para aprendizagem das crianças.

Aborda-se ainda o “Teatro”, mostra o desenvolvimento da existência teatral, com referências da autora Margot Berthold. A autora relata a existência do teatro desde os tempos primitivos. Fala um pouco do jesuíta Padre José de Anchieta, que

veio para o Brasil escrevendo várias peças religiosas, um dos objetivos do padre era evangelizar os índios, para melhorar a harmonia no país.

Para dar seguimento o teatro de fantoches, que teve sua origem na antiguidade e com o passar dos tempos passou a ser usado diariamente, envolvendo crianças e adultos. Os fantoches encantam principalmente as crianças, por serem bonecos de tecido oco por dentro, onde encaixa as mãos e tem características de pessoas, animais e objetos. No entanto quando é usado pelo manipulador ganha vida e suas histórias contadas se tornam reais, levando as crianças à imaginação, adquirindo conhecimento sobre o que está sendo apresentado.

Será abordado a trajetória acadêmica da autora, traz-se o relato de experiência, falando sobre “Teatro de Fantoches na Educação Infantil”, falados obstáculos encontrados e a maneira como foram desenvolvidos. Se tratando de crianças que adquiriam poucos conhecimentos em teatro aprofundamos mais o estudo começando com referências bibliográficas e conhecendo a rotina escolar das crianças.

A pesquisa relata resultados positivos e negativos que de alguma forma contribuíram para que a autora buscasse outras maneiras de trabalhar com o teatro de fantoches. A experiência vivida foi adquirida através de apresentações teatrais que mostraram algumas reações diferentes entre as crianças.

## 2. ARTE

### O que é arte?

Arte é tudo aquilo que está ao nosso redor e nos envolve de maneira mais expressiva possível. O ser humano traz consigo uma carga de energia positiva ou negativa, que muitas vezes são demonstradas por meio de sentimentos e emoções. No entanto, pode-se dizer que a arte é a forma de expressar tudo aquilo que pensamos e sentimos por meio das emoções, histórias, sentimentos e culturas. Em nosso meio ainda encontramos pessoas que dizem: “Eu não gosto de arte”. Justamente por acreditar que a mesma se restringe apenas às Artes Visuais, ou até mesmo às outras especialidades as quais a pessoa não se interessa e por generalizar “Arte” esquece-se das diversidades.

Houve um tempo em que a arte era compreendida apenas como “a expressão do belo”. Hoje, devido aos grandes avanços científicos e tecnológicos, entende-se que a arte vai além dessa simples manifestação e expressão, ela está em nosso cotidiano e pode ser compreendida e representada de várias formas como: a dança, música, teatro, cinema, artes plásticas, escultura, arquitetura, gestos, voz entre outras.

Sendo assim, como poderemos imaginar o mundo sem arte?

É impossível pensar o mundo sem arte, pois o ser humano desde as primeiras civilizações já usava a arte para se comunicar, essa comunicação apenas veio evoluindo ao longo da história. Nos primórdios do tempo o homem usava da arte, tanto para se comunicar, como para registrar momentos únicos, tais como: momentos de caças, de jogos, contação de histórias, que embora não fosse visto com esse olhar, era registrada em cavernas, com pinturas, desenhos cravados na rocha. A arte acontecendo sem a conscientização da grandeza da mesma. Segundo Anamélia Bueno Buoro (2003, p. 25) a arte é “[...] um produto de embate homem/mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece”.

Pensando em comunicação, ela se dava com movimentos corporais, tanto para intimar um macho à briga, como para seduzir a fêmea. Vários momentos de ações cênicas passavam despercebidos. E com essa evolução, nas mais variadas

culturas e diferentes épocas o ser humano começou a se manifestar mais artisticamente, evidenciando de modo mais concreto os pensamentos e sentimentos.

## **2.1 - Arte na escola**

Na infância, as crianças e nós os adultos, interagimos com manifestações culturais no meio em que vivemos. Aprendemos também a comunicação na vida cotidiana através da arte, que pode ser ensinada e aprendida na escola, ou ainda com outras pessoas que trazem do conhecimento empírico vários fazeres artísticos. Heloísa Ferraz e Maria Fusari afirmam sobre influências culturais percebidas através da convivência com adultos.

O conhecimento da arte é importante para as influências culturais, podendo nos permitir escolhas de forma significativa. No entanto, é notório hoje, que a escola é o espaço em que a criança passa uma grande parte do seu tempo, estabelecendo vínculos e criando oportunidades de construir conhecimentos abrangendo diversas áreas. Heloísa Ferraz e Maria Fusari, afirmam sobre influências culturais percebidas através da convivência com adultos.

Queiramos ou não, é evidente que a criança já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce vivas influências estéticas na criança. É óbvio, também, que a criança com ela interage de diversas maneiras (FERRAZ & FUSARI, 1993, P.43).

Há algum tempo, o estudante ia para a escola apenas para receber o conhecimento conteudístico da série, atualmente a mesma enriquece o conhecimento de cada indivíduo dando oportunidades para as manifestações artísticas, tornando-o assim, produtor do próprio conhecimento e permitindo que compartilhe os conhecimentos adquiridos a partir da integração com ações culturais inerentes à trajetória de vida de cada pessoa.

Baseados em fundamentos da autora Ferraz; Para que o professor de Arte consiga desenvolver um bom trabalho é preciso que conheça melhor os estudantes, investigando sua cultura, vivências, e interesses em relação à Arte. Sendo assim, o professor possibilita um bom trabalho por meio de atividades artísticas ligadas a sociedades em que os alunos vivem, vivenciando as aulas de maneira expressiva permitindo novas oportunidades com relação ao fazer artístico, considerando a

importância do conhecimento empírico, valorizando o que o estudante traz em contribuição ao trabalho a ser desenvolvido.

Para a arte ser valorizada e fazer parte da educação foram necessárias grandes manifestações, até que ela fosse amparada pela Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 tornando obrigatória a disciplina de Educação Artística nas Escolas em todas as fases. Nessa Lei, a Arte era apenas um entendimento sobre a importância do fazer artístico na formação do cidadão, considerada como “atividade educativa”, ou seja, não havia a devida atenção à teoria que dessa base à prática.

Com a nova LDB (Lei 9.394/96) a Arte passou a ser obrigatória: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26 § 20).

No entanto existe até hoje a necessidade do entendimento real dos profissionais da educação, para entenderem que o professor ao qual é atribuída a tarefa de ensinar artes, necessita de ter formação na área à qual foi destinado, para que não haja prejuízo no aprendizado, pois percebemos em escolas que nem sempre o professor que ministra as disciplinas de artes, tem formação na área, são facilitadores de um conteúdo ao qual ele não tem propriedade, estão unicamente para cumprir carga horária, sem a devida preocupação com o direito que o aluno tem de receber conhecimentos e não somente informações.

É importante que o professor tenha o domínio sobre a matéria que aplica, ou seja, propriedade sobre o que está ensinando para que através do conhecimento adquirido e passado à criança possa levar para seu cotidiano e o aprendizado contribua para sua vida futura. Para que tudo isso aconteça, a Arte precisa ser levada a sério, tanto pelo professor quanto pela criança, porque algumas vezes a mesma é usada para diversão, para enfeitar a escola e fazer apresentações de fim de ano, não que seja um erro usar de nossos dons artísticos para contemplar esse ou aquele desejo de expressão, mas que isso seja consequência de nossos anseios de manifestações artísticas e não uma obrigação para com a escola ou disciplinas, caso contrário poderá oferecer prejuízo e desvalorização da Arte como disciplina ou expressão e as crianças crescem com o entendimento de que a Arte não tem o devido valor, encaram unicamente como brincadeira, ou algo dispensável.

A Arte age de maneira expressiva e não imitativa contribuindo assim para que a criatividade da criança possa ser desenvolvida e para que isso aconteça, ela precisa ser incluída nas escolas de forma significativa e não retrativa.

## 2.2 Interdisciplinaridades em Arte

Hilton Japiassu (1976) afirma que, a interdisciplinaridade surgiu na França e Itália na década de 60, na mesma época os movimentos estudantis reivindicavam melhorias na educação, também questionavam questões de ordem social, política e econômica. No Brasil a Interdisciplinaridade chegou ao final da década de 60 tendo uma grande influência nas elaborações de leis como: Lei de Diretrizes e Bases N° 5.692/71, com a nova LDB N° 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Interdisciplinaridade é a abordagem de um determinado conteúdo sendo estudado em várias disciplinas levando uma maior amplitude do assunto selecionado. Professores de diversos níveis de ensino usam a interdisciplinaridade possibilitando conhecimento amplo aos estudantes exigindo dos profissionais de educação, dedicação e planejamento compartilhado dando opções ao professor de trabalhar individualmente ou em grupos com os estudantes.

Para a interdisciplinaridade ser trabalhada em arte, o professor poderá usar outras áreas de conhecimento como: Português, Geografia, Matemática, História, Literatura, entre outros. Interagindo a arte com essas disciplinas, os estudantes obtêm um conhecimento global, no qual facilita a compreensão do assunto adquirindo maior interesse pelos estudos. Ministério da Educação afirma;

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber útil utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos (BRASIL, 2002, p. 34-36)

Nós conceitos de Japiassu; trabalhar a interdisciplinaridade não é uma tarefa fácil, o docente precisa fazer mudanças na metodologia e nas aulas. Em Arte a interdisciplinaridade pode ser trabalhada por meio de projetos, sendo que, passa a ser um desafio para professores de Arte, pois terá que trabalhar juntos com professores de outras disciplinas. No planejamento cada professor poderá contribuir com o que sabe, no entanto, todos aprenderão juntos, transformando os conhecimentos em projetos possibilitando o desenvolvimento das atividades.



Usar a interdisciplinaridade em Arte acrescenta aprendizado às outras disciplinas inovando as propostas de atividades e proporcionando às crianças experiências inovadoras.

### 3. BREVE CONTEXTO SOBRE TEATRO

É uma determinada arte, no qual um personagem ou vários representam histórias vividas ou improvisadas para o público em um determinado lugar. O teatro veio através das necessidades do homem, segundo Margoh Berthold (2006, p.1), “O teatro é tão velho quanto à humanidade. Existem formas primitivas de representação desde aos primórdios do homem”.

Ainda em tempos de descobertas, o Homem ao sentir falta da chuva passava a imitá-la com a esperança de que fazendo isso ela chegasse mais rápido. Assim também faziam com a caça, o homem pegava a pele de um animal se cobria e fazia gestos acreditando que aquilo daria sorte com a caça. Com firmes pisadas no solo, o homem fazia ritual chamando búfalos, a princípio sem perceber que o tremor da terra sentido antes, era sim manada de búfalos que se aproximavam. A imagem abaixo mostra momentos em que o homem saía para caçar.

**Figura 01:** Homens na pré-história voltando da caça



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+da+pre+historia,+homem+caçando>

Esses rituais já eram caracterizados com cabeças, ossos e peles de animais, hoje nomeados como figurinos e adereços. As imitações foram aumentando cada vez mais, até mesmo quando morria o defensor da tribo. Os homens faziam imitações ou rituais pedindo que ele continuasse a defendê-la, mesmo não estando

mais ali. Quando seus rituais não traziam o resultado esperado, começaram a acreditar que existiam poderes na natureza, por isso, passavam a adorar as árvores e animais. Passando algum tempo apareceu conceitos de deuses invisíveis com super poderes e começaram a fazer rituais cultuando esses deuses. Seria o surgimento do teatro grego exaltando a Mitologia Grega, na qual se consideram Zeus e Hera como deuses supremos.

O tempo passa e as tribos foram evoluindo e para poder representar o deus cultuado nos rituais, o homem descobre um elemento fundamental para o crescimento do teatro, “a máscara”. Eles achavam que o homem que representasse o deus no ritual ao usar máscara, pintar ou cobrir todo o corpo, se tornaria uma figura desconhecida, tornando-se o deus sagrado.

O primeiro deus cultuado foi Dionísio, deus da fartura e da abundância, sendo caracterizado com cachos de uva na cabeça por ser considerado também o deus da colheita da uva e do vinho. Com esta imagem produziu-se o personagem de teatro. Daí em diante as falas foram inseridas nos rituais pedindo ou agradecendo, logo após gerou o diálogo, gestos sempre repetidos, que eles faziam construindo as ações. De acordo com Peixoto, (1995, p. 12-13):

Desde cedo os homens sentem a necessidade do jogo, e no espírito lúdico aparece à incontida ânsia de “ser outro”, disfarça-se e representar-se a si mesmo ou aos próprios deuses ou assumir o papel dos animais que procura caçar para sua sobrevivência, às vezes inclusive fazendo uso de máscaras; e ainda, ao tudo indica, o jogo teatral, a noção de representação, nasce essencialmente vinculada ao ritual mágico e religioso primitivo.

Passado os tempos primitivos para a antiguidade entende-se que o teatro surge na Grécia Antiga com rituais para homenagear os deuses, com apresentações de comédias e tragédias que surgiram por meio de improvisações apresentadas pelos líderes dos “ditirambos” (hino cantado e dançado), o drama surge em Atenas do teatro de “Dionísio” (deus da fertilidade e do vinho), sendo que as primeiras apresentações de teatro foram feitas em homenagem a Dionísio. Os gregos usavam o teatro para expressar suas ideias e fazer agradecimento aos deuses, também era uma forma de levar conhecimento para o público.

Segundo Jussara Barros (2009), “as máscaras usadas até hoje nas representações teatrais, foram criadas na Grécia Antiga”. As máscaras foram importantes para os gregos, porque as mulheres não podiam participar das

encenações teatrais, pois não eram consideradas cidadãs, no entanto quem representava os papéis femininos era homens que usava máscara.

Já no Brasil, o teatro surgiu por volta do século XVI quando os jesuítas aqui chegaram com o objetivo de evangelizar os indígenas para estabelecer boa relação com os colonos portugueses e espanhóis. As peças eram escritas em quatro línguas sendo; português, espanhol, latim e tupi, e contavam histórias da região. Temos a importante figurado Padre José de Anchieta que se destacou ao escrever várias peças religiosas, poesias e cartas, hinos e canções.

O padre José de Anchieta enfrentou desafios para cumprir com os objetivos propostos, no entanto para que pudesse converter os índios e colonos ao cristianismo, teve que entender a língua do país para ter condições de compreender a realidade local.

### **3.1 Teatro de fantoches**

Não se sabe exatamente quando começaram a confeccionar e manipular fantoches, mas os historiadores acreditam que mesmo antes do desenvolvimento do teatro, já se manipulavam fantoches. Revendo a História podemos acreditar que há muito tempo as mães já utilizavam de sombras e bonecos para divertir e informar os filhos. Como afirma Idalina Ferreira;

O teatro de bonecos tem sua origem na mais remota Antiguidade. Acredita-se que na Pré-História os homens se encantavam com suas sombras movendo-se nas paredes das cavernas. Nessa época, as mães teriam desenvolvido o teatro de dedos, projetando, com as mãos, sombras diversas nas paredes para distrair os filhos (FERREIRA, 2002, p. 10).

Ao estudar Ferreira (2002), encontramos que o surgimento do teatro de fantoches aconteceu no Egito 2.000 a.c, os primeiro bonecos foram feitos de madeiras e barbante. Na era Clássica, os fantoches passou a ser usado em templos para cultuar aos deuses e povos primitivos, em igrejas para cerimônias religiosas usados em procissões de iniciação, as pessoas usavam os fantoches como instrumento de adoração, achando que utilizavam de poderes mágicos.

Os fantoches foram evoluindo com a necessidade de cada época. Com o desenvolvimento do trabalho realizado com os fantoches, as apresentações passaram a acontecer diariamente, trazendo entretenimento entre as pessoas, eram apresentados em festas e pátios de residências.

Acredita-se que no Brasil o teatro de fantoches foi trazido pelos holandeses, chegando primeiro no Rio de Janeiro no século XVIII, começou a ser usado em igrejas como instrumento religioso. O fantoche tem as características dos seres humanos, objetos e animais, manipulados por uma pessoa, geralmente é usado para distrair as crianças com contação de histórias, fazer brincadeiras, e usado também nas escolas para como material pedagógico. A imagem abaixo mostra o encanto do teatro de fantoches.

**Figura 02:** personagens de fantoches feito de meias



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+teatro+de+fantoches>.

O fantoche possui corpo de tecido, e geralmente não tem pernas, sendo oco por dentro facilitando para o manipulador colocar a mão, usando os dedos para encaixar cabeças e braços. A cabeça e mãos do fantoche podem ser feito de madeira, papel “machê”, podendo ser produzido por outro material. Há outros tipos de fantoches como o fantoche de dedo, que podemos fazer com luva, um pedaço de tecido, plástico e com tinta, trabalhando nele características de rosto no dedo.

Existem fantoches movidos por palitos de madeira, mostrando todo o corpo, chamado de fantoche de varetas. Esse tipo de teatro encanta tanto as crianças como os adultos.

O teatro de fantoches ajuda a criança a construir sua identidade, nas mãos das crianças o fantoche deixa de ser um objeto transformando em um ser com vida, onde as crianças expressam seus sentimentos e conflitos. Faz com que a criança se interesse em inúmeros assuntos. Os fantoches são bastante usados em escolas pelos educadores, que usam como facilitador do aprendizado em crianças, acreditando que por instigar o lúdico atraindo olhares, promove aprendizado.

Com o teatro de fantoches a criança aprende brincando, se expressa de maneira espontânea oportunizando a compreensão de manifestações culturais. O interessante é que o fantoche também pode ser usado na escola para tratar de assuntos que os pais tenham dificuldades em explicar, esclarecer ou aconselhar aos filhos, tais como: drogas, “bullying”<sup>1</sup>, sexualidade, preconceitos raciais, respeito ao próximo entre outros. Muitas vezes a criança acredita no que os fantoches falam, podendo conscientizá-las a praticar boas ações. Revendo a História podemos acreditar que há muito tempo as mães já utilizavam de sombras e bonecos para divertir e informar os filhos.

---

<sup>1</sup> bullying: é toda ação repentina com a intenção de machucar o outro seja ele verbalmente, ou seja ele fisicamente.

#### **4. TEATRO DE FANTOCHES NA EDUCAÇÃO: Relato de experiência**

Vencer a Timidez é um dos motivos pelo qual cursei “Licenciatura em Arte Cênica,” além do que me proporcionou outros benefícios, como o de criar momentos de tranquilidade ao conhecer e conversar com novas pessoas, fazer novas amizades e ter uma vida social mais ativa a qual não estava acostumada. Eu imaginava que o curso ajudar-me-ia a trabalhar questões de timidez, mas não sabia da sua tamanha importância em minha vida.

Quando estava no ensino fundamental, em seguida no ensino médio, não tive nenhuma vivência com o teatro, só pude viver essa experiência na faculdade, quando comecei o 1º período com a disciplina “Introdução à Linguagem Cênica”, ministrada pelo professor Brenno Jadvas Soares Ferreira, tive que apresentar uma cena junto aos colegas, apesar de muita dificuldade, foi possível fazê-lo. Mas só no segundo período aceitei realmente o fazer teatral, antes acontecia um distanciamento que não conseguia explicar, certamente seria por timidez e dificuldades que minha trajetória de vida acarretou na maneira como me comportava em sociedade.

Da forma em que a Professora Lina Concesso trabalhou a disciplina, “Expressão Vocal”, moveu algo em mim, deixando as coisas mais claras, dando uma bela visão do curso, despertando minha atenção. Nesse momento meu sentimento pelo fazer teatral mudou, comecei a olhar com outros olhos, a gostar do que estava fazendo. Já não tinha mais como obrigação, sentia prazer em trabalhar com teatro.

Apreciei muito os exercícios vocais, a professora deu várias dicas, letras de músicas cantadas e dramatizadas, no final do período uma proposta de uma cena para apresentar com a história “Chapeuzinho Vermelho de Raiva”. O interessante é que era uma história adaptada e tinha mudanças de vozes, ou seja, para cada personagem uma voz diferente, uma experiência que adquiri e nunca esqueci. Isso foi apenas o começo, até hoje enfrento dificuldades, porque não tive conhecimento do Teatro na escola, percebo que quanto mais cedo a criança tiver conhecimento com as várias formas de teatro, seja aquele que o próprio homem atua, fazendo o uso de máscaras ou de fantoches, mais ela terá facilidades ao se expressar de forma espontânea. Esse momento de aprendizado se tornou muito importante por ter reverberado em mim a consciência do potencial vocal disponível ao ator para

composição de personagens, pude pensar voz e corpo como uma unidade, até hoje sinto a influência desse momento vivido tendo-o como fonte de interesse pelo universo teatral.

Percebi que teatro não é só decorar um texto e praticar repetições e sim a consciência do poder criativo, experiência em várias formas de criação de cena e de construção teatral.

Ao cursar a disciplina de Teatro de Formas Animadas, com o professor Manuel Tomaz Ataíde Júnior, senti tocada porque uma das referências seria a manipulação de fantoches, no qual o manipulador lhe dá vida com criatividade e imaginação. No entanto, resolvi desenvolver um pré-projeto sobre teatro de fantoches colocando em prática as atividades desenvolvidas em escolas e creches.

#### **4.1 Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves**

Escola Estadual Tancredo de Almeida Neves, no município de Peixe, onde trabalhei no Programa Mais Educação<sup>2</sup> como monitora na modalidade de teatro junto a estudantes do ensino fundamental. Na escola percebeu-se a carência existente no que diz respeito ao teatro de fantoches. Apesar da escola possuir fantoches, os mesmos só eram manipulados pelos professores. Os estudantes só assistiam as apresentações realizadas por eles não os permitindo praticar a manipulação.

Surgiu a ideia de trabalhar teatro de fantoches com os estudantes, porém a proposta era que eles manipulassem os fantoches, que tivessem uma aproximação real do fazer teatral através dos mesmos. Sabemos que o toque, o contato físico no universo teatral é primordial para qualquer tipo de desenvolvimento cênico. Ator e Boneco devem manter uma unidade cênica essencial ao bom desempenho da encenação para que a história contada seja perto do “real”, convincente, para que o público consiga interagir nessa verdade e sinta o que está sendo contado em corpo, voz e boneco em prol da cena.

A escola trabalha com projetos e um deles era. “O combate contra a dengue”, no qual trabalhei como monitora, com a modalidade de teatro, foi quando surgiu o

---

<sup>2</sup> Programa Mais Educação: ofertado às escolas públicas de ensino fundamental, consiste no desenvolvimento de atividades de educação integral que expandem o tempo diário de escola para o mínimo de sete horas e que também ampliam as oportunidades educativas dos estudantes.



anseio de conscientizar todos os alunos da escola, no combate à dengue vivendo o teatro de fantoches apresentado pelos estudantes do Programa Mais Educação. No começo foi um desafio porque para a apresentação ser feita pelos próprios discentes, eles deveriam conhecer algumas técnicas como: manusear o fantoche, pensando o tempo cênico da história, compor uma voz para cada personagem e conhecer a história da peça.

Percebi que ao passar todo o contexto do trabalho desejado aos estudantes eles se identificaram gostando das aulas e antes de começar os ensaios já estavam ansiosos para apresentar. O que me chamou a atenção foi à participação deles nos ensaios, interessaram-se muito pelo tema do teatro, para cada ensaio eles queriam uma explicação sobre a dengue.

Alguns alunos relataram que no quintal de casa retiravam todo o lixo para combater a dengue, ou seja, os que aprenderam nos ensaios com o teatro de fantoches praticavam em casa. Incentivo e informações passadas através dos pelos fantoches estavam mudando a rotina dos estudantes ao participarem da apresentação. Assim ficou evidente a percepção do aprendizado que estava sendo desenvolvido no trabalho, e a riqueza da conquista prazerosa em todo processo.

No dia da apresentação eu estava um pouco insegura, porém os estudantes muito tranquilos apresentaram conforme o combinado, alcançando o objetivo do trabalho e ao terminar não queria sair de cena, continuaram a falar sobre a dengue. Momento este de comoção, pois vi resultado em meu trabalho, pude perceber o real envolvimento dos participantes, o fazer teatral sem sofrimento, com divertimento e prazer sem perder a seriedade do compromisso com o conteúdo abordado, que é o que todo estudioso do teatro almeja.

#### 4. 2 ABEMN (Associação Berçário Espírita Maria de Nazaré)

Movida pelo resultado positivo do último trabalho, resolvi dar continuidade à pesquisa, mas com crianças do maternal. Fui a campo sem saber qual seria a creche que iria dar continuidade ao trabalho. Não queria em creche particular, teria que ser uma especial. Lembrei-me da ABEMN (Associação Berçário Espírita Maria de Nazaré), que tem como diretora e fundadora Miriam Rodrigues Agostinho Borges,

a creche é a única da cidade que mantém as crianças através de doações da comunidade.

Fui ao berçário e conversei com a diretora Miriam, pedindo para que me permitisse fazer algumas apresentações com teatro de fantoches. A mesma concordou apoiando o trabalho. Passei a frequentar como voluntária todos os dias da semana no período vespertino, auxiliando as professoras com as crianças, dessa maneira a conheci melhor. A creche é muito organizada, tendo sala de televisão, sala de estudo e a sala Rosa, que é onde se conta histórias, a mesma havia livros e uma caixa cênica<sup>3</sup>.

Para que os bebês se acostumassem comigo, criança pequena estranha, trabalhei voluntariamente duas semanas com elas dando suporte às professoras. A primeira histórias a contar para as crianças foi nas varetas com o título “As fadas da natureza”, uma história que a diretora Miriam me passou, e pediu que eu contasse dramatizando, porque tinha as fadas e os animais. As fadas, os animais ela havia comprado industrializado e as árvores fizeram de E.V.A<sup>4</sup>, o interessante é que tudo muito bem organizado.

No momento da contação da história, senti dificuldade, pois na sala Rosa tem um mural que possibilita colocar os personagens construídos pela Diretora Miriam, mas não deu certo, faltou organização anterior, também ensaios que deveriam ter sido realizados antes do dia da apresentação. Ao contar a história me atrapalhei, pois por mais que soubesse da existência dos animais não sabia exatamente a localização de cada o que provocou demora em encontrá-los no tempo da história, a fala não acordava ao manuseio dos objetos, fiquei procurando-os para serem colocados em seus lugares e ao mesmo tempo eu pegava a história para ler, e isso causou um nervosismo comprometendo o desenrolar da história. Também a falta de experiência contribuiu para que a contação não fluísse da maneira desejada, pois a falta de experiência não me possibilitava improvisar nesses momentos resolvendo situações.

Ao terminar de contar a história eu estava triste, porque não tinha alcançado o objetivo desejado. Ao chegar a casa tirei um momento para refletir, entendi que eu não tinha organizado os personagens antes de começar a contar história, tinha que

---

<sup>3</sup> Caixa cênica: A caixa onde se situam todas as estruturas do palco e os maquinismos cênicos.

<sup>4</sup> E.V.A: espuma sintética é produzida a partir de seu copolímero termoplástico, acessível é muito usada para artesanato, produtos infantis, material escolar.

ter improvisado, projetado a voz, as fadinhas falavam palavras mágicas que era: “obrigado, por favor e com licença”, então pensei que deveria ter pedido para que as crianças repetissem as palavras. Ao lembrar-me disso percebi que eu tinha que repetir a história para as crianças colocando em prática toda a proposta. Embora não tivesse sido um momento de glória, foi de um grande aprendizado percebi ações que poderei com certeza usar no futuro em momento de trabalhos teatrais, como por exemplo, Jamais ir para cena sem antes ensaiar suficientemente a proposta desejada.

Com o aprendizado dos erros resolvi contar novamente a história das “fadas da natureza”, mas desta vez eu tinha ensaiado e já conhecia bem a história. No dia da apresentação tinha visita na creche, mesmo assim eu estava tranquila, comecei a história e quando as personagens das fadinhas pediam para as crianças repetir as palavras mágicas como: “Obrigado, por favor, e com licença”, elas repetiam, teve um momento que os personagens das fadas cantavam uma música e nessa hora duas crianças levantaram e começaram a dançar, enquanto isso as educadoras incentivaram as outras crianças a bater palmas. A apresentação ocorreu como o esperado, os erros anteriores contribuíram para novas ideias e o fato de ter praticado bastante em casa promoveu uma tranquilidade na hora da realização do trabalho, que com certeza enriqueceu o resultado.

Como o berçário não tinha os fantoches, apenas à caixa cênica, resolvi construir os fantoches com materiais recicláveis para desde cedo incentivar as crianças a produzirem seu próprio material e ainda preservarem o meio ambiente.

Os primeiros bonecos feitos de materiais recicláveis foram personagens do chapeuzinho vermelho, feito com caixas de leite e E.V.A. Acreditamos que todos conheçam a história de chapeuzinho vermelho e as crianças do berçário já tinham ouvido a história que foi contada pelas professoras, com o recurso de um livro e de varetas, possibilitando a criação de imagens. Amaral aponta que:

No teatro o ator cria o personagem, cria a imagem do seu personagem. No teatro de bonecos, a imagem do personagem já vem pronta e o ator-manipulador apenas serve o boneco. Além de não criar a imagem do seu personagem, o ator-manipulador quase sempre não é visível no palco. (AMARAL, 2011, p.73)

Estudei a história e com os personagens prontos contei- a, usando a caixa cênica que o berçário possuía. No momento da apresentação percebi o entusiasmo

de algumas crianças e o espanto de outras, algumas choravam de medo do personagem, lobo mau. Depois da apresentação fizemos uma roda de conversa para avaliação do aprendizado: O que as crianças aprenderam? Valeu à pena contar essa história? Por quê? Cada um falou sua percepção. E analisando a apresentação e em resposta às perguntas acima percebi que as crianças compreenderam a história, no entanto, não se familiarizaram muito bem com o personagem lobo mau.

Acredito que, quando a criança nos primeiros anos de vida escuta ou participa de uma história, ela entra no mundo da imaginação acreditando que os personagens são reais, no entanto, elas não conseguem diferenciar o real do faz-de-conta por ainda estarem em fase de aprendizagem, por isso algumas crianças estranharam o personagem lobo mau, talvez até por alguns pais usarem desse artifício para intimidar as crianças quando as mesmas cometem algum tipo de indisciplina. Com tudo isso, o cuidado na hora de criar os personagens e contar histórias tem que ser maior.

Dias depois me organizei para fazer outra apresentação com as crianças, mas desta vez não foi com fantoches de materiais recicláveis, pois estava sem tempo de construir e criança pequena ainda não tem condições de coordenação para tal processo na criação dos fantoches, ao chegar à sala Rosa coloquei as crianças em círculo sentadas no chão, a ideia era que depois de contar histórias com os fantoches as crianças tocassem para que elas tivessem contato, podendo pegar, conhecer e contar histórias sem medo. No momento estava dando certo, mas fui interrompida pela professora dizendo que as crianças não gostavam de histórias com fantoches porque eram pequenos e deveria colocá-las para fazer o personagem, mas antes de ser interrompida a minha estratégia estava dando certo, porque as crianças estavam prestando atenção na história e interagindo com os fantoches. Com a falta de apoio da professora resolvi parar de contar a história pelo menos nesse dia. Já desmotivada pensei em desistir da minha pesquisa, mas ainda não tinha alcançado meus objetivos e resolvi dar continuidade, percebi que para trabalhar com essa realidade precisaria de estratégias para lidar com situações em que os professores não tivessem o real entendimento sobre o fazer teatral.

Fazer personagens de varetas, no momento, pareceu-me uma ótima ideia e assim o fiz, “os bichos da floresta”, o objetivo era mostrar para as crianças a importância de cada “ser” da natureza, mesmo sabendo que algumas delas só entenderiam o objetivo da história mais tarde. As crianças, independentemente da

idade precisam ouvir histórias, porque quanto mais informações tiverem melhor será o aprendizado. Além de ser uma atividade lúdica a mesma aprende a lidar com vários tipos de sentimentos sendo que, alguns deles são a tristeza e a alegria, muitas vezes podendo diferenciar um sentimento do outro. Contar histórias para as crianças desde pequenas desperta o gosto pela leitura, assim relata a autora, Lígia Cademartori;

Se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. (CADEMARTORI, 1986, p.19-20).

Na história em varetas, supracitados, os personagens foram: borboletas, pássaros e peixes, depois de preparar para a apresentação, começaram a contar a história, mas não consegui terminar, pois algumas crianças estavam saindo de seus lugares e conversando com as outras, então eu não sabia se continuava com a história ou se chamava a atenção das crianças, mais uma vez a apresentação não foi como o esperado. Certamente deveria pensar em estratégias para prender a atenção das crianças. Havia uma educadora na sala, mas ela não me ajudou com as crianças, percebi que a mesma não gostava da minha presença na creche, e como eu sempre ficava na mesma turma que ela eu teria que pensar estratégias para que ela me aceitasse sem prejudicar minha pesquisa, afinal eu não estava ali para tomar o lugar de ninguém e sim trazendo algo de inovador para as crianças, e adquirindo mais conhecimento para a minha pesquisa.

A diretora muito dedicada fez uma reunião com as educadoras pedindo que elas colaborassem, mas o problema não incluía todas. Não era só eu que percebia a falta de apoio de uma educadora, tinha mais duas acadêmicas da UNIRG<sup>5</sup> (Universidade de Gurupi), que estudavam psicologia e compareciam na creche uma vez por semana, elas observavam o comportamento das crianças, mas também faziam dinâmicas, elas relataram que as educadoras tinham certa resistência em apoiá-las.

Houve um momento que as dificuldades me fizeram novamente pensar em desistir, mas com o apoio da diretora decidi fazer mais algumas apresentações. O

---

<sup>5</sup>UNIRG- é uma instituição pública, com regime semelhante a uma autarquia, vinculada a prefeitura de Gurupi, Tocantins.

tempo em que estive na creche observei como cada professora se comportava diante das crianças, algumas pareciam dedicar mais atenção, era evidente o amor ao trabalho, contavam histórias com os livros mostrando as imagens, as educadoras eram muito criativas e alegres, em algum momento perguntei a uma delas o porque de não contarem histórias usando fantoches, ela relatou que a creche não tinha, o que eu já sabia, então perguntei porque não faziam os fantoches de materiais recicláveis ou de tecido, disse que faltava tempo para isso.

O interessante é que as educadoras contavam as histórias atuando como personagens, que para as crianças era algo diferente. Mesmo sabendo da dedicação de algumas professoras com as crianças, preferi não pedir ajuda delas nas apresentações. Às vezes em que contei histórias sempre tinha mais de um personagem, por isso eu precisava colocar uma música para preencher a cena e acabava que um dos personagens saia de cena mesmo não sendo a hora, pois essa estratégia não foi suficiente, ainda assim precisaria de alguém para fazer a sonoplastia, como eu me ocupava de todo o trabalho percebi que não conseguia realizar todas as ações sozinha perdendo assim qualidade do trabalho. Mesmo nessas dificuldades decidi continuar em busca de minha pesquisa. Ferraz valoriza a contação de história acreditando no crescimento do ser humano através do despertar dessa história. Segundo ela:

Saber narrar histórias é uma arte. Elas divertem, dão prazer, desenvolvem a criatividade, a memória, despertam todos os sentimentos. A paciência do professor durante as atividades com fantoches é um dos elementos mais importantes para que o jogo do teatro de bonecos alcance os seus objetivos (FERRAZ, 1999, p. 25)

Certo dia, quando cheguei à sala de aula comecei a cantar uma música que dava boa tarde a cada uma das crianças falando o nome delas, então percebi, que quando eu dizia o nome de alguma criança cantando ela ficava contente, veio à ideia de contar histórias com os fantoches usando o nome das crianças nos personagens e como eu já as conhecia pensei em falar sobre coisas que gostassem de fazer e como elas se viam. Com essas ideias resolvi colocar em prática, improvisando a história. Os primeiros personagens receberam o nome de André, que era uma criança da creche que conversava muito tirando a atenção dos colegas e não

gostava de fazer tarefas, outra personagem era a Kauanna, uma criança muito agitada, essa criança gostava de bater nos coleguinhas.

Ao organizar a caixa cênica junto com os fantoches coloquei as crianças em seus lugares, logo em seguida comecei a contar história. Quando o fantoche se apresentou como André causando certa curiosidade entre as crianças que estavam assistindo, o próprio André deu gargalhadas dizendo que era ele, manipulando o fantoche fui dizendo o que ele gostava de fazer e como se comportava diante dos colegas, logo em seguida cantei uma música, “atirei o pau no gato”, em seguida cantando novamente a versão, “não atire o pau no gato”, músicas que o André cantava sempre junto às crianças. Percebi que todos os que estavam assistindo gostaram, porque interagiram com os fantoches e cantavam quando começavam as músicas. Logo em seguida entra o fantoche que se chamava Kauanna interagindo com o André, o interessante é que os dois colegas não davam certo por ter o temperamento muito parecido, mas no final da história eles acabavam se entendendo e melhorando o comportamento diante de todos. Esta imagem abaixo mostra momento de apresentação com fantoches.

**Figura 03:** apresentação com fantoches.



Fonte: Núbia Tavares (2016)

Na realidade era o que eu queria a mudança de comportamento dessas duas crianças, depois dessa apresentação o André e a Kauanna passaram a prestar mais atenção em todas as histórias que eram contadas na creche, não só por mim, mas

também pelas educadoras. Toda essa vivência trouxe-me palavras de Ricardo Japiassu, em relação ao boneco protagonizar um personagem, ele explica que:

É a atividade cênica da criança que, ao brincar de “mãe e filha” com uma boneca, por exemplo empresta sua voz a boneca sem no entanto abrir mão de protagonizar o papel de “mãe”.Ao agir dessa maneira o sujeito nesse caso “contracenar” consigo mesmo recorrendo a sua projeção “na boneca”para exercer paralelamente o papel de “filha”.(JAPIASSU,39,2007).

Entendo que quando apresentamos algo às crianças tudo tem que estar bem organizado e bem ensaiado. E com a falta de prática, o manuseio dos fantoches me incomodava, deixando meus braços cansados, sem falar da voz que eu projetava começando com a voz criada, de repente percebia que já estava falando com a minha própria voz e ao terminar sentia o incômodo em minha garganta, porque eu forçava muito quando projetava. Notei que eu tinha que saber mais sobre manipulação e técnicas vocais, então tive que pesquisar como me preparar para manipular os fantoches e como preparar e projetar minha voz.

Resolvi trabalhar primeiro a voz, lembrei-me de alguns exercícios vocais que aprendi com professores da faculdade, parti também para pesquisa de livros e internet referente ao assunto. Nas horas de folga praticava alguns exercícios vocais. No primeiro momento em que estava diante de um espelho fazendo os exercícios e praticando vários tipos de vozes, senti-me estranha ficando com receio de que alguém escutasse, depois de alguns ensaios fui acostumando com os exercícios. Mas algo me preocupava, era a minha voz que tinha uma intensidade baixa, e quando falava alto forçando-a, minha garganta ficava irritada, isso mesmo depois de praticar exercícios vocais, constatando a minha dificuldade em atuar.

Sempre que assistia a um espetáculo, notava a voz trabalhada cenicamente de maneira interessante, aí vem a indagação... Como os artistas conseguem projetar a voz tão facilmente, certamente o espectador não percebe o trabalho desenvolvido para entrar em cena, mas para quem atua passa por um grande processo. Sabendo do desafio que teria que enfrentar estava otimista, por que seria mais um aprendizado em minha carreira acadêmica na qual levaria para toda vida.

Acredito que a preparação vocal é importante para todos nós principalmente para os profissionais: seja ele ator, cantor, locutor, professor, político, entre outros. Penso que somente músicos e atores se preocupam em cuidar melhor da voz,



porque o mau uso vocal acaba afetando a saúde e a vida do profissional. Segundo Lucia Helena Gayotto:

A trajetória da construção vocal do personagem vai se delimitando por intermédio de um estudo aprofundado feito pelo ator. Este estudo se dá em vários níveis, em práticas corporais e vocais e na investigação das emoções e intenções do personagem que o ator quer encarnar (GAYOTTO, 2002, p.23)

Lembrei-me que o objetivo da minha projeção de voz, seria trabalhar teatro de fantoches, por isso passei a treinar a voz usando fantoches que me possibilitariam ao mesmo tempo a manipulação e a projeção da voz, experiências que fui descobrindo em todos os ensaios que fazia, embora não tenha sido muitos, mas o suficiente para descobertas interessantes.

Depois dos ensaios voltei a fazer apresentações com as crianças da creche, não fui direto a contar história, com ajuda de uma educadora colocamos as crianças sentadas no chão, em seguida coloquei uma música para que elas relaxassem, depois que acabou a música peguei os fantoches de personagens mamãe, papai, irmãos, vovó, mostrando para as crianças e pedindo para que elas repetissem, escolhi quatro crianças, a mesma quantidade de personagens, disponibilizei a elas os fantoches colocando em suas mãos para que manipulassem, percebi a dificuldades delas para levantar os braços com o fantoche, passei a elas algumas técnicas de manuseio, observei o quanto estavam satisfeitas em pegar o fantoche.

Observei o quanto a criança é surpreendente, a mesma sabe a diferença entre um brinquedo e um ser humano, mas quando ela brinca ou assisti uma encenação, seja de fantoche ou não, ela usa a imaginação espontaneamente transformando o que vê em realidade. Percebia isso quando apresentava teatro de fantoches para as crianças e também nos momentos em que as acompanhava na creche, em algumas brincadeiras pude perceber cenas teatrais, até mesmo quando estavam com fantoches ou bonecas, elas conversavam com os fantoches como se dialogasse com alguém, o que chamamos no universo teatral de fé cênica, ou seja, acreditar na ação que está sendo executada. A figura seguinte ilustra momentos de interação das crianças com fantoches.

**Figura 04:** crianças manipulando fantoches



Fonte: Ludmila Rodrigues (2016)

Como algumas crianças não tinham domínio da fala devido a pouca idade, eu auxiliava dizendo o nome pedindo para que repetisse trazendo a elas momentos de descobertas, as outras já se comunicavam melhor, ficou mais fácil. A proposta dessa vez era que as crianças usando o fantoche falassem com a família. Depois eu contei uma história improvisada sobre a família, ao terminar a aula eu já não sentia o desconforto da última vez. Percebi que quando o educador usa o fantoche na sala de aula instiga a inteligência da criança fazendo que ela se torne mais espontânea, proporcionando também recreação educativa, sem falar na importância do processo de aprendizagem que cada uma delas adquire.

Ainda com algumas dúvidas sobre teatro de fantoches na educação, decidi ir adiante a minha pesquisa, fazendo mais apresentações, continuando com as histórias na creche (ABEMN). Por problemas pessoais me afastei da creche por algum tempo, e quando retornei para fazer outra apresentação com o teatro de fantoches, algumas crianças tinham mudado de lá por causa da idade e havia muitas crianças novatas que nunca tinham ficado em creches. Para os novatos tudo que as educadoras faziam era novidade. A ABEMN estava com uma boa estrutura, inclusive a sala de contação de história que chamava sala Rosa, mudou de nome e agora chama Bebeteca, inclusive com mais conforto para as crianças, tem também

fantoches de vários personagens e outra caixa cênica, mais apropriada para contar histórias.

Mesmo a creche fornecendo fantoches, usei os meus, utilizando apenas a caixa cênica que pertence ao berçário e pela primeira vez usei a sonoplastia, escolhi três histórias da internet e adaptei. Cada história tinha dois personagens. Tive alguns ensaios em casa treinando a voz, os personagens e músicas. As histórias adaptadas falavam sobre “A importância da bíblia”, “Achei a felicidade e preciso estudar”, nas adaptações incluí as vogais e palavras como: obrigado, por favor, e com licença, que as crianças conhecem como as palavrinhas mágicas, as músicas interagem com as histórias.

O teatro de fantoches começou com os personagens se apresentando dando boa tarde e dizendo o nome, quando as crianças ouviram o que os fantoches diziam, acharam graça porque os personagens tinham os nomes de duas crianças que estavam assistindo. Músicas que falavam de Jesus, outras eram cantigas de rodas e as crianças acompanharam, a caixa cênica tinha uma cortina que se dividia ao meio possibilitando a entrada e saída dos fantoches, às vezes dava para eu ver as crianças assistindo o teatro, e observei que enquanto eu contava a primeira história elas interagiam, a segunda também, na terceira elas já não ficavam quietas.

Terminando as histórias com os fantoches pude perceber mais uma falha, antes de escolher uma história para contar devemos nos preocupar com a faixa etária das crianças para que possamos escolher e adaptar melhor a história, adequando o tempo de atenção que dispensam o linguajar e ações de acordo com o entendimento para que a mesma possa absorver melhor o conteúdo apresentado. A cada apresentação que fazia descobria algo que tinha que melhorar, mas mesmo diante de algumas falhas estava otimista, porque a cada nova descoberta tinha certeza que a pesquisa estava dando certo e que, para trabalhar teatro de fantoches com crianças em fase de aprendizagem era um desafio, a criança a todo o momento nos surpreende com suas brincadeiras e imaginações, transformando objetos em algo que elas realmente querem que seja, quem descreve bem essa relação é o autor Levi Vygotski.

No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas: um pedaço de madeira torna-se um boneco e um cabo de vassoura torna-se um cavalo .A ação regida por regras começa a

ser determinada pelas idéias e não pelos objetos .Isso representa uma tamanha inversão da relação da criança com a situação concreta, real e imediata , que é difícil subestimar seu pleno significado.  
(VYGOTSKY,1991, p. 110)

Acredito que a criança não dá vida ao objeto porque se parece com algo, mas sim pelo que é proposto, ou seja, se ela está brincando de casinha a mesma pode pegar uma caneta e transforma-la em uma boneca, podendo ser a mãe e a boneca sendo a filha. As crianças têm uma naturalidade que nós adultos perdemos com o passar do tempo.

#### 4.3 IPA (Instituto Presbiteriano Araguaia)

Observando a reação das crianças surge o desejo de aprofundar os estudos e ampliar o campo de percepções. Veio à oportunidade de dar continuidade à pesquisa, mas agora com estudantes de ensino fundamental 1 e 2 do Instituto Presbiteriano Araguaia, no qual eu era monitora do Programa Mais Educação com a modalidade de teatro, iniciei a aula com dinâmicas de apresentação e jogos teatrais, para melhor compreensão sobre teatro e para viabilizar o trabalho em equipe.

No primeiro momento as pessoas acharam estranho participar dos jogos teatrais porque sempre quando alguns estudantes apresentavam peças de teatro os mesmos eram orientados pelos professores a apenas decorar o texto. Percebendo a falta de conhecimento com o fazer teatral, resolvi partir para a teoria para que eles tivessem uma recepção teatral, começando por três tipos de leitura: leitura branca<sup>6</sup>, dramatizada<sup>7</sup> e a coloquial<sup>8</sup>, depois foi entregue a cada um dos estudantes um texto de teatro, “Ecolândia”, que fala da poluição ambiental, no qual os mesmos teriam que fazer a leitura usando os três tipos de linguagens, depois que alguns tiraram dúvidas sobre o assunto percebi o interesse de cada um em aprender.

Partindo do interesse apresentado pelas crianças ficou mais fácil trabalhar o teatro na escola, a parte difícil é que as apresentações seriam somente em datas comemorativas, a data mais próxima de comemoração foi o Dia do Livro. A proposta

---

<sup>6</sup> Leitura branca: termo que se dá a primeira leitura que se faz de um texto de teatro .

<sup>7</sup> Leitura dramatizada: interpretação do que esta se lendo, tentando transmitir sentimentos e emoções relacionadas ao texto, poema, usa entonação na voz e expressão facial para transmitir o significado do texto.

<sup>8</sup> Leitura coloquial: linguagem utilizada no cotidiano em que não exige a atenção total da gramática, de modo que haja mais fluidez na comunicação oral.

era apresentar uma peça contando uma história envolvendo livros e algumas poesias. Tinha duas turmas: matutino e vespertino e a peça teria que ser apenas uma, ambos os turnos participariam juntos do mesmo espetáculo, entendi como um desafio.

Não seria fácil trabalhar com um grupo grande, com pessoas iniciantes, estudando em horários diferentes. A história seria a mesma, mas o desencontro de horário seria um agravante já que os ensaios teriam que contar com a turma reunida, precisaria de estratégias para não deixar que esse empecilho prejudicasse o desenvolvimento do trabalho.

Ao pesquisar na internet encontrei duas histórias, uma de teatro com personagens do “Sitio do pica-pau amarelo”, que falava do tesouro guardado, no caso um livro. A outra história era do “Palhaço infeliz”, ao pensar no que iria fazer tive a ideia de usar as duas histórias e adaptando transformá-las em apenas uma, incluí no meio da história o teatro de fantoches. Falei da proposta para as crianças, a maioria gostou e outras não optaram, então ficou a turma de manhã com o teatro dos personagens do “Sitio do pica-pau amarelo”, e a turma da tarde com o teatro de fantoches, que era o “Palhaço infeliz”, no qual eram dois grupos com histórias e personagens diferentes, porém no dia se uniram em uma só apresentação.

Os espetáculos eram ensaiados em horários diferentes e a história a ser contada foi o “Sitio”, nesse caso utilizando apenas os personagens: Pedrinho, a Narizinho e a Emília, todos corriam pela casa e resolveram brincar no porão quando chegou lá a Emília muito sapeca encontrou um baú, este estava bem trancado e como ela era muito curiosa pediu para Pedrinho e Narizinho que a ajudasse a abri-lo. Pedrinho encontrou alguns objetos entre eles estavam uma chave que abriu o baú, quando viram o que estava dentro Emília ficou chateada porque pensou que fosse um tesouro e na verdade eram livros, seus amigos para deixa-la animada falaram bem do livro convenceu-a a escolher uma história para ler. Nesse momento entra o teatro de fantoches contando a história que a Emília escolheu, finalizando o teatro com a Emília reconhecendo o verdadeiro valor que o livro tem em nossa vida.

Os estudantes gostaram da história que foi adaptada e assim ficaram entusiasmados para ensaiar, o que me chamava a atenção era o compromisso dos estudantes com os ensaios, mas a falta de espaço era um agravante para a qualidade do trabalho, a sala de aula era muito pequena e com apenas um ventilador deixando os estudantes incomodados na hora dos ensaios com

necessidade de tomar água a todo momento, e ensaiarmos no pátio não podíamos para não atrapalhar as turmas regulares.

A turma do teatro com personagens do “Sitio do pica-pau amarelo” precisava do cenário, então em um momento de ensaio foi preciso conversar com os estudantes sobre essa questão, quando falei que precisaríamos construir o cenário, notei que alguns estudantes ficaram preocupados e relataram que nunca tinham participado da construção de cenário, ao ouvi-los tranquilizei-os dizendo que o cenário para a apresentação do dia do livro seria apenas um pequeno espaço com alguns objetos tendo o livro como o principal.

Para o teatro de fantoches a escola fornecia a caixa cênica, mas era preciso adaptar os fantoches, transformamos um fantoche simples para o personagem de um palhaço, os outros em um menino e uma menina, essa criatividade ficou por conta das crianças dando o auxílio necessário.

Depois de alguns ensaios percebi que os estudantes já tinham decorado o texto, porém a postura como personagem não estava adequada, por esse motivo resolvi trabalhar exercícios corporais (alongamentos de braços, pernas, agachamento e caminhando pelo espaço), exercícios de respiração (sentado, apoiando as palmas das mãos sobre o tórax: durante a inspiração, deve efetuar uma ligeira pressão nas costelas, de modo a forçar e treinar os músculos inspiratórios; durante a expiração, as mãos devem acompanhar o movimento de retração da cavidade torácica e, no final, comprimi-la moderadamente para expulsar o máximo o máximo de ar possível), respeitando os limites de cada um, isso ajudou os estudantes de alguma forma na representação teatral.

Nos ensaios um estudante chamou-me a atenção, o mesmo gostava de participar de tudo o que se propunha, mas o corpo nunca estava ativo nos ensaios, ele sempre andava curvado e sua voz muito baixa parecia estar desmotivados e sem vontade de atuar, quando perguntavam-lhe se não estava bem e se gostaria de sair da peça, o mesmo se recusava dizendo que queria ir até fim, então percebi que ele tinha vontade de atuar, só faltava incentivo para que conseguisse explorar sua capacidade, era só acreditar e se esforçar.

Depois de ser trabalhada a expressão corporal com os estudantes, passei a desenvolver jogos teatrais<sup>9</sup>, porém tive como referência o livro de Viola Spolin, uma autora importante que desenvolveu no ensino do teatro a técnica de jogos teatrais fazendo com que os estudantes conheçam as regras dos jogos contribuindo com os elementos do teatro. Spolin afirma que;

Os jogos teatrais podem trazer o frescor e vitalidade para a sala de aula. As oficinas de jogos teatrais não são designadas como passatempo do currículo, mas sim como complementos para aprendizagem escolar, ampliando a consciência de problemas e idéias fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos alunos. (SPOLIN, 2007, p. 29)

Esses jogos teatrais foram aplicados para as duas turmas, em contra turno. Logo no começo percebi a inexperiência que eles tinham em participar de jogos, começamos com a turma que estuda pela manhã utilizando o jogo da estátua (em duplas o estudante escolhe quem será o escultor e quem é a estátua, em seguida o escultor produzirá uma estátua e o colega aceita os comando, depois da estátua pronta o escultor apresenta para a turma). Quando iniciaram o jogo percebi a interação dos estudantes uns com os outros, notei a importância que os jogos teatrais têm no desenvolvimento da criança.

Ao terminar o jogo fizemos uma roda de conversa perguntando aos estudantes como se sentiram quando participaram do jogo e o que aprenderam? Um deles disse que por causa do jogo ficou interessado pelo teatro e que gostaria que todas as nossas aulas fossem assim, outros disseram que gostaram e queriam aprender outros jogos. A reação deles foi como eu esperava, porque foram nas aulas de teatro que participaram de jogos teatrais, isso era algo inovador para eles, o mesmo jogo foi usado com a turma da tarde, que também gostaram de participar.

O dia da apresentação estava chegando e os ensaios aconteciam de forma bem repetitiva, mas antes dos ensaios, utilizávamos os jogos teatrais, os estudantes vivenciaram vários tipos de jogos, inclusive exercícios com fantoches que ajudaram na linguagem teatral. Além dos ensaios de teatro, dividimos um grupo para cenário e outro para sonoplastia<sup>10</sup> deixando os estudantes mais entusiasmados para apresentar. Quando chegou o dia da apresentação percebi que os estudantes

---

<sup>9</sup> Jogos teatrais: jogo que possa ser utilizado no teatro, seja dramático (a partir de textos de teatro) cenas, esboços ou improvisações, ou também na forma de jogos lúdicos ou brincadeiras.

<sup>10</sup> Sonoplastia: É a união de sons, sejam eles , musicas e ambientes estes se dividem em Ruídos .

estavam ansiosos, mas preparados para mostrar o que aprenderam nas aulas de teatro. As duas turmas se apresentaram começando com pessoas em cena e no meio da história incluíram a peça com os fantoches para dar continuidade e finalizando a peça teatral. Segue imagem de um dos cenários usados para apresentação com fantoches.

**Figura 05:** apresentação dos estudantes com fantoches.

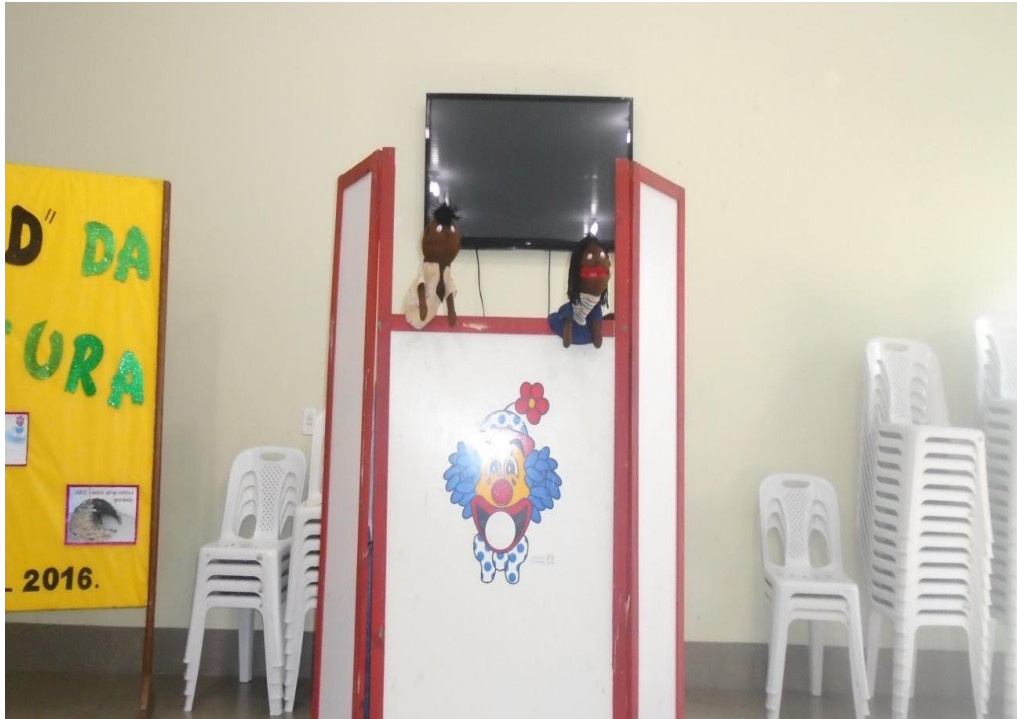


Fonte: Arlete (2016)

Esta imagem mostra o momento da cena com os fantoches, os manipuladores encenavam com a voz composta para cada personagem, atrás da caixa cênica os estudantes contavam a história lendo o texto, mas não parecia porque falavam de forma bem natural dando o entender que os mesmos já conheciam a história. Em nenhum momento deixaram os fantoches de cabeça baixa, pois quando o iniciante não tem conhecimento da manipulação costuma-se não posicionar bem o fantoche, isso me surpreendeu por serem estudantes com pouca experiência estavam atuando bem. Pela reação do público pode-se perceber que gostaram do espetáculo. A figura ilustrada mostra como os estudantes manipulavam os fantoches na apresentação.



**Figura 06:** estudantes apresentado com fantoches.



Fonte: Arlete (2016)

Depois de alguns dias fizemos outra apresentação com uma peça teatral sobre meio ambiente, com o tema; “A sujeira não tem vez”, nesta peça o cenário foi maior e utilizamos fantoches de animais que a escola fornecia, a peça aconteceu com atores em cena, dessa vez os fantoches serviram para compor o cenário e não foram manipulados. Sendo que a turma que estudava pela manhã atuou e a da tarde participou da construção do cenário e sonoplastia. Na história era contada a vida de um homem que a sociedade o apelidou de doutor Sujão, o mesmo adorava jogar lixo na natureza deixando o ar, o ambiente e a água poluídos, mas a natureza contava com a ajuda de três crianças que eram chamadas de “Defensoras da Natureza”, as mesmas sempre limpavam a sujeira feita pelo Doutor Sujão e no final da história as crianças conseguiram convencer o Sujão a não fazer mais sujeira. E mais uma vez a apresentação teve toda dedicação dos estudantes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro, independente se os personagens são humanos ou fantoches, mostra que desde o início dos tempos o ser humano já se mostra criativo, independente da sociedade em que vivia, observa-se isso nas crianças que durante seu desenvolvimento expressa os sentimentos e emoções de maneira bem espontânea, pois brincam fazendo imitações e faz-de-conta possibilitando experimentações diferentes.

De acordo com análises realizadas durante a pesquisa, percebe-se que o teatro de fantoches proporciona as crianças momentos de descobertas, levando-as ao mundo da imaginação, mas para que elas tenham oportunidade de vivenciar esses momentos é preciso que o professor tenha o domínio do que vai ensinar. Observação feita durante a ministração das aulas. A cada vez em que realizava apresentações para as crianças, percebia-se que o meu conhecimento sobre o que estava repassando não era o suficiente para chegar ao resultado esperado, isso me trouxe possibilidades de conhecer mais sobre os assuntos abordados.

A insegurança que tinha sobre a teoria e a prática aconteceram no início da pesquisa de campo com crianças do maternal, foi o que me levou a pesquisas bibliográficas e a busca de conhecimentos práticos. No entanto a minha inexperiência trazia insegurança para as crianças deixando-me constrangida, e para que ganhasse a confiança deles eu teria que buscar sempre novos conhecimentos. Essa busca constante de saberes durante todo o processo em que passei na creche contribuiu para meu aprendizado, enriquecendo minha bagagem de conhecimento, dando-me consciência da necessidade de me preparar antes de entrar em sala de aula.

Quando trabalhei a pesquisa de campo em escolas do ensino fundamental, percebi a facilidade em lidar com os estudantes, pois os mesmos já tinham algum conhecimento adquirido anteriormente, embora esse conhecimento tenha facilitado o dia a dia com essas pessoas, não impediu que eu mantivesse a busca a novas idéias e aprendizados. Enfim, nas duas escolas e na creche, possibilitou considerar que o meu trabalho teve alguns obstáculos, mas que foram extremamente gratificantes. Observei cada reação que as crianças tiveram, percebendo-se a

interação e satisfação em assistir e participar de espetáculos. Esses obstáculos serviram de dispositivo para novas conquistas.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Formas Animadas: máscaras, bonecos, objetos/** Ana Maria Amaral. - 3. ed.1 - reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. - ( texto& arte; 2).

BARROS, Eulália. **Núcleo Educacional Infantil:** busca de um caminho para a pré-escola. 1991. 223f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

BARROS, Jussara. **Dia Mundial do Teatro – 27 de março.** 2009. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/datacomemorativas/dia-mundial-teatro27-marco.htm>.

BORBA FILHO, Hermilio. **Fisionomia e Espírito do Mamulengo: (o teatro popular do Nordeste).** São Paulo: Comp. Ed. Nacional: Ed. Univ. S. Paulo 1966.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em Construção.** 1ª edição. São Paulo, Cortez, 1996.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº. 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro.** Tradução: Maria Paula V. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho, Clóvis Garcia – São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLOIS, Marlene Montezi; DE BARROS, Maria Alice Santos Ferreira. **Teatro de Fantoques na Escola Dinâmica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1967.

CABRAL, Beatriz. **Drama como Método de Ensino.** São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

DEWEY, John: **O ensino da Arte no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, Idalina Ladeira. **Fantoche & Cia.** 2ªed. São Paulo: Scipione, 2002.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na Educação Escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

OLIVEIRA, Z. R. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**, 1 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PATRICE, Pavis. **Dicionário de Teatro**. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro?** 14ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

JAPIASSU, Ricardo. **A linguagem Teatral na Escola: Pesquisa, docência e prática pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220 p.

KOUDELA, Ingrid Dormie; Eduardo **Improvisação para o Teatro**. [tradução e revisão José de Almeida Amos] São Paulo: Perspectiva, 2008.

**Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Conhecimento do Mundo. Vol. 3. Brasília: DF, 1998.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de Aula: Um Manual para o Professor**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

VYGOTSKY, Levi. S. **A Formação Social da Mente: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+da+pre+historia,+homem+caçando&source>.

<https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+teatro+de+fantoches>.